

O ENSINO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS¹

Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins²

Resumo

O artigo tem como objetivo esclarecer o processo de constituição dos padrões de trabalho científico nas Ciências Sociais brasileiras, em especial na Sociologia, tendo como referência o ensino de Métodos e Técnicas de Pesquisa. No sentido de discutir a influência norte-americana na formação dos cientistas sociais em nosso país, procura-se recuperar, na primeira parte do texto, certos procedimentos da investigação empírica nos EUA que tiveram como resultado o predomínio da metodologia quantitativa de pesquisa e o declínio dos métodos qualitativos. Para conhecer a história da constituição e institucionalização das Ciências Sociais e principalmente da Sociologia como ciência no Brasil toma-se como referência dois centros de formação: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo. A análise dos currículos dos cursos de Ciências Sociais e dos programas da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa permite compreender os objetivos e as diferentes orientações teóricas e metodológicas que orientaram a formação dos alunos dessas duas instituições e a afirmação da Sociologia como ciência empírica.

¹ Este texto é uma versão revista e ampliada do artigo publicado em *Cronos* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, v.8, n. 2, jul.-dez., p.387- 394.

² Professora Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Palavras-chave

Metodologia Quantitativa. Metodologia Qualitativa. Pesquisa Social. Sociologia. Ciências Sociais.

THE TEACHING RESEARCH METHODS AND TECHNIQUES IN SOCIAL SCIENCES COURSES

Abstract

The article aims to clarify how the standards of scientific work in the Social Sciences in Brazil were established, in particular in the field of Sociology, in connection with the teaching of Research Methods and Techniques. In the first part of the text, to discuss American influence upon the training of social scientists in our country, the author try to recover certain empirical investigation procedures in the USA that led to quantitative research methodologies becoming predominant and to the decline of qualitative methods. To understand the history of the establishment and institutionalization of the Social Sciences and in particular of Sociology as science in Brazil, reference is made to two centres of education: the School of Philosophy, Sciences and Literature of the University of São Paulo and the Free School [*Escola Livre*] of Sociology and Politics in São Paulo. An analysis of the curriculums of the Social Sciences courses and of the programs of the Research Methods and Techniques discipline helps one to understand the objectives and the different theoretical and methodological orientations that guided the education of students and the consolidation of Sociology as an empirical science.

Keywords

Quantitative Methodology. Qualitative Methodology. Social Research Sociology. Social Sciences.

Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre o ensino dos métodos e técnicas de pesquisa, na tentativa de esclarecer o processo de constituição de padrões de trabalho científico que orientam tanto a definição dos programas das disciplinas nos cursos de ciências sociais como o trabalho em instituições de pesquisa. Entendo que dentre as três áreas que compõem os cursos de ciências sociais, a Sociologia é a que apresenta as maiores discussões a respeito, motivo pelo qual é deste campo científico que retirarei a maior parte de meus argumentos.

A história da Sociologia foi sempre marcada pela necessidade de: 1. definir com clareza e precisão qual é o seu objeto; 2. resolver como aplicar ao campo da Sociologia os fundamentos da ciência e os princípios do método científico. Na busca de superar as análises impressionistas e extracientíficas sobre a sociedade, a Sociologia passou a valorizar o saber científico, no sentido apontado por Florestan Fernandes, de

ciência como saber positivo, que envolve atitude intelectual diante da realidade, determinando procedimentos de obtenção, verificação e sistematização de conhecimentos e uma concepção definida do mundo e da posição do homem dentro dele (FERNANDES, 1977 p.50).

Trata-se fundamentalmente da necessidade de "fazer ciência" segundo procedimentos do método científico. Mas esse "fazer ciência" não segue um único modelo ou padrão de trabalho científico. Ao contrário, a Sociologia foi sempre marcada pela diversidade de métodos (e técnicas) de investigação e de métodos de explicação. Especificamente no que se refere à metodologia de investigação, proponho-me a apresentar, inicialmente, ainda que de forma bastante resumida, como o debate em torno dos métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa expressa, a meu

ver, diferentes momentos do processo de afirmação da Sociologia como ciência.

O uso da metodologia qualitativa teve maior expressão na Sociologia, especialmente a norte-americana, até o final dos anos 1930, com o predomínio dos estudos de caso e dos estudos de comunidade, com ênfase nas pesquisas centradas na análise da mudança social e suas consequências para a vida dos indivíduos em sociedade. A ênfase na metodologia qualitativa, entretanto, não eliminava o recurso às técnicas quantitativas, muitas vezes tendo a estatística como disciplina auxiliar das análises qualitativas.

As chamadas metodologias qualitativas³ expressam, de modo geral, o privilegiamento da análise de microprocessos por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um estudo intensivo dos dados tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. A preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação do chamado objeto empírico de maneira a permitir o estabelecimento de relações sociais marcadas pela empatia, pelo respeito e confiança. No caso da observação participante, por exemplo, não raro a presença do pesquisador junto aos grupos ou a um segmento social da população estudada resulta na construção de laços de amizade e afeto. Isso exige que o pesquisador seja capaz de lidar com diversos métodos e técnicas de investigação, de modo a permitir não só a definição dos critérios de objetividade, mas, também, a obtenção dos dados para a pesquisa. Assim, a característica que constitui a marca dos métodos qualitativos é a flexibilidade. Flexibilidade quanto às técnicas de coleta de

³ Faço uma discussão mais completa da metodologia qualitativa no artigo - A metodologia qualitativa de pesquisa, publicado em *Educação e Sociedade*. Revista da Faculdade de Educação da USP. v. 30, n. 2, mai./ago. 2004, p. 289-300.

dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita. E heterodoxia no momento da análise dos dados, na medida em que o acúmulo de material obtido por meio dessa metodologia exige capacidade integrativa criadora e intuitiva do pesquisador.

Este é o ponto principal a destacar: o uso da metodologia qualitativa acentua o fato de que a pesquisa sociológica depende, fundamentalmente, da competência teórica e metodológica do cientista social. Trata-se de um trabalho que só pode ser realizado com o uso da intuição, da imaginação e da experiência do sociólogo. Um trabalho relacionado com processos intelectuais que aproximam o sociólogo do artista, como destaca Nisbet (2000). Um trabalho assim entendido exige que o sociólogo afirme a sua responsabilidade intelectual por intermédio de um tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas, o que é importante, para a liberdade do intelectual.

É evidente que uma proposta como essa, que tem na proximidade (embora muitas vezes meramente física) entre pesquisador e pesquisado o seu ponto básico, enfrentou muitas críticas e restrições. Os trabalhos que utilizaram metodologia qualitativa foram apontados como essencialmente marcados pela subjetividade e pelo caráter não rigoroso e especulativo, arriscando a neutralidade e a objetividade do conhecimento científico. Eram considerados estudos descritivos e exploratórios devido às dificuldades de chegarem a uma explicação resultante da comparação e da generalização. Tratava-se, portanto, para muitos, de estudos pré-científicos. Essas considerações partiam e ainda partem, na verdade, daqueles cientistas sociais que possuíam outra concepção da Sociologia como ciência e de suas possibilidades de compreensão da realidade social.

Métodos e técnicas de pesquisa na Sociologia norte-americana

Tomo, para ampliar essa discussão, um dos expoentes da sociologia quantitativa para traçar, em rápidas linhas, como ocorreu o processo de constituição de um novo padrão de trabalho científico. O *locus* dessa história é a sociologia norte-americana em meados dos anos 30. E o personagem principal é um austríaco, Paul F. Lazarsfeld, que chegou aos EUA em 1932, com uma bolsa concedida pela Fundação Rockefeller. Baseio-me, para estes comentários, em artigo de Michael Pollak (1986). O que este autor mostra é o contexto de reorganização e de profissionalização das ciências sociais durante os anos trinta, com o aumento massivo dos meios destinados à investigação social, com a finalidade de desenvolver um novo modelo que permitisse abolir os limites entre a atividade política e a atividade científica. Ou seja, as chamadas *policy sciences*. Como consequência, configura-se uma estreita união entre política e investigação, provocando o alinhamento dos intelectuais da universidade ao sistema político dominante. As pesquisas que atraem os financiamentos são as que se apresentam como problemas que afetam esse sistema e as que oferecem a possibilidade de recolher os dados a respeito e apresentar uma análise capaz de ser traduzida em soluções administrativas.

Seguindo esse processo através da carreira de Lazarsfeld, vemos que, impossibilitado de voltar a seu país, ameaçado pela ascensão do nazismo, ele intenta organizar nos EUA um instituto de investigação social aplicada, financiado por contratos com clientes públicos e privados e que estivesse ligado a uma universidade. Inicia sua trajetória na Universidade de Newark, depois em Princeton e, finalmente em 1939, na

Universidade de Columbia, em Nova York, onde dirigirá posteriormente o *Bureau of Applied Social Research*⁴.

É nessa instituição que ganha maior impulso a difusão da investigação social diretamente relacionada a uma política social e a novos métodos de investigação. Começa a se definir o que para muitos constitui a fase de empresarialização da sociologia ou como o próprio Lazarsfeld dizia, da "empresa de investigação administrativa". Para tanto, ele definia como princípios de organização de sua empresa: "ordens precisas, relações hierárquicas, divisão de trabalho levada ao limite e, correlativamente, a especialização dos membros da equipe", pois entendia que "a divisão do trabalho e a organização hierárquica "eficaz" correspondem a uma metodologia afinada e uma padronização dos conceitos e das técnicas de investigação" (POLLAK, 1986, p. 53-54). Lançava assim, as bases para o empirismo sociológico que iria dominar a Sociologia no período pós-Segunda Guerra.

O empirismo contido nos *survey research* pretendia oferecer instrumentos diretamente úteis: produzir informações representativas sobre uma população e previsão de acontecimentos, em particular, previsão eleitoral. Essas técnicas permitiam aos detentores do poder não só conhecer as expectativas e as reações das massas, mas, principalmente, evitá-las ou manipulá-las. Durante a 2a. Guerra, essa concepção da Sociologia ampliou o seu predomínio. Uma grande pesquisa-*The American Soldier*-, foi dirigida por Samuel Stouffer, membro do Bureau of Applied Social Research e posteriormente nomeado diretor de investigações do exército. Depois do conflito, essa instituição obteve a maior parte de seus contratos com o Ministério da Guerra. Pollak

⁴ C. Wright Mills trabalhou como diretor de uma das divisões desse Bureau, de 1945 a 1948, sob supervisão de Lazarsfeld. Sua reação e crítica a esse estilo de trabalho que denomina de "empirismo abstrato" foram explicitadas em seu livro *A imaginação sociológica*, publicado em 1959.

argumenta que a luta contra o fascismo envolveu a cooperação de intelectuais de horizontes ideológicos muito diferentes, como Herbert Marcuse e outros representantes da Escola de Frankfurt, e Paul Lazarsfeld. No período da guerra, o *Office of Strategic Studies* (a futura CIA), contava com o serviço de quase todos os intelectuais emigrados.

A análise de Pollak sobre o conflito entre Adorno e Lazarsfeld põe em evidência as posições existentes no campo da Sociologia: de um lado, como Adorno, os que criticavam tanto a ênfase na produção dos dados empíricos, descuidando a interpretação dos fenômenos, como a comercialização da produção sociológica; de outro, Lazarsfeld e sua equipe, que viam nas análises de Adorno apenas especulação e não uma tentativa de interpretação da realidade com base em uma verificação empírica e estatística.

O conflito entre as duas estratégias profissionais e intelectuais prefigura, de certa forma, o quadro da Sociologia do pós-guerra, com a afirmação de um novo padrão de trabalho intelectual de orientação empirista, que se especializaria na coleta de dados e em seu tratamento estatístico, a partir do qual todos os outros modos de realizar a pesquisa passam a ser avaliados. Mas, a oposição entre Adorno e Lazarsfeld indica também uma transformação do papel do intelectual: de um lado, o artesão intelectual, conhecedor de todos os procedimentos necessários à execução do seu *ofício*, pessoa culta e erudita, com domínio da teoria sociológica; de outro, o técnico cada vez mais especializado no uso do instrumental necessário para fazer progredir a empresa e a profissão do sociólogo.

O período posterior à Segunda Guerra Mundial, especialmente os anos 1950 e 1960, corresponde à ascensão da Universidade de Columbia ao primeiro plano das instituições de ensino na área das Ciências Sociais, deslocando a vantagem até então, da Universidade de Chicago. Tudo em nome da eficácia, da utilidade e da cientificidade decorrentes da

quantificação e da matematização. Lazarsfeld chegou a dizer a um de seus colaboradores que "os dados, em si mesmo, não tinham muito interesse. Seu único interesse consistia em manipulá-los mediante instrumentos estatísticos" (POLLAK, 1986, p.70)⁵.

Um aspecto importante dessa consolidação dos institutos de pesquisa especializados em *surveys* é a sua relação com as universidades: estas passam a admitir a ideia de contratos comerciais de investigação de tal forma que em meados dos anos sessenta, metade da renda da Universidade de Columbia procedia deles . Dahrendorf (1966) é outro autor que discute a profissionalização da Sociologia em um dos capítulos de seu livro e fornece dados sobre as subvenções da investigação nos Estados Unidos: no ano de 1958 foram gastos 215 milhões de dólares em pesquisa no campo das Ciências Sociais, o que incluía, além da Sociologia, a Economia e a Psicologia, entre outras. Mas, o dado mais importante refere-se à origem desse financiamento:

Quase dois terços dessa quantidade provêm de organizações industriais e comerciais; uma quarta parte, do Governo Federal, e o resto, de entidades privadas, Universidades e outras instituições independentes. É claro que cerca de 16% desse dinheiro é gasto nas Universidades e *colleges*, mas as porcentagens de participação demonstram como a investigação emigrou do campo acadêmico. E aqui também desempenha um papel importante a investigação militar, no

⁵ R. Dahrendorf (1966) discute a relação entre teoria e empirismo na sociologia americana analisando cinco estudos realizados, em sua maioria, nos anos de 1940. Conclui que em todos eles "falta o compromisso teórico de seus autores" (p. 166), que revelam ter um objetivo principal: "melhorar as técnicas de procedimento" (p. 166).

mais amplo sentido da palavra (DAHRENDORF, 1966, p.183)⁶.

Por outro lado, a formação para a investigação empírica estava essencialmente dirigida para o mercado de trabalho exterior à Universidade. Tratava-se de formar profissionais para os mercados abertos pela pesquisa de mercado, pela publicidade e pela administração. Essa concepção de Universidade começa a ser difundida, fazendo com que outras importantes instituições de ensino superior passassem a adotar "essa moderna concepção de sociologia" (POLLAK, p.65). Uma Sociologia que se especializa progressivamente nos problemas metodológicos e cujos temas de investigação se tornam cada vez mais dependentes do mercado, elegendo temas de investigação dotados de "alto valor comercial" (id, p.69).

Segundo Pollak, "Lazarsfeld é, sem dúvida, um dos primeiros exemplos de um empresário em ciências sociais, tão preocupado por manter contatos com seus clientes (administrações, fundações, empresas), como pelo ensino e a investigação"(p.66). No início dos anos 1960, a empresa de Lazarsfeld alcançou o seu apogeu. Sua concepção de sociologia tornara-se dominante em quase toda a Europa e começava a penetrar na América Latina. É a ele que a Unesco recorre para redigir o artigo sobre Sociologia para uma enciclopédia de ciências sociais e humanas. Nesse trabalho, a Sociologia aparece como uma "ciência americana" e poucas referências são feitas a trabalhos de outra origem , inclusive com escassas referências a Durkheim, Weber e Marx.

⁶ Entre as pesquisas analisadas por Dahrendorf (1966) está a que foi dirigida por Samuel Stouffer, em 1941, *The American Soldier*, no âmbito de um departamento de investigação social do Ministério da Guerra, o Research Branch.

No processo de constituição dessa concepção da Sociologia como ciência, ganha importância a publicação dos manuais de métodos de investigação. Um desses manuais, de W.J. Goode e P.K. Hatt, *Métodos em Pesquisa Social*, foi publicado nos EUA em 1952 (no Brasil, sua primeira edição foi em 1960). Tomo-o como referência, pois nele é declarado o reconhecimento de débito dos autores com relação ao pensamento de Robert Merton e Paul Lazarsfeld e ao Bureau of Applied Social Research, da Universidade de Columbia. Dois autores, o teórico e o empirista, unidos no mesmo agradecimento.

De acordo com Goode e Hatt , a finalidade do livro é dar a estudantes não graduados, um conhecimento tanto dos "elementos da lógica básica como os procedimentos de pesquisa da moderna sociologia" (p. IX). Pressupõem ser a compreensão das técnicas de pesquisa fundamental para estudantes, principalmente para aqueles que desejam se tornar pesquisadores de campo. Referem-se a uma "sociologia que está se modificando" e, portanto, é preciso conhecer os novos procedimentos científicos. O manual contribui, assim, para o ensino de métodos e técnicas de investigação, para o treinamento ou adestramento para a profissão.

Entretanto, se o manual tem interesse para aqueles que pretendem se dedicar à carreira em sociologia, ou seja, pretendem ser um profissional, interessa também a todos os que, por necessidades práticas e profissionais, precisam saber avaliar se o resultado de uma pesquisa sociológica tem ou não base científica

O desenvolvimento da Sociologia e o crescente interesse por sua aplicação em questões práticas são responsáveis pela multiplicação dos cursos de métodos e técnicas de pesquisa. Para Goode e Hatt, a ênfase posta nos cursos de métodos de pesquisa é "um bom sinal do desenvolvimento da jovem ciência sociológica" (p.4). Esta perspectiva,

que define a Sociologia (e as outras ciências humanas) como ciência em desenvolvimento, se aproxima da concepção de Lazarsfeld que vê a Física e a Matemática como as ciências que ocupam o topo da hierarquia no universo das ciências.

Para essa concepção, existe um conflito em relação à Sociologia como ciência. Ela é vista como uma ciência nova, recente, o que acentua a sua fragilidade científica, especialmente em decorrência das dificuldades de tratamento de um objeto como o ser humano, tão sujeito a modificações, complexo que reage a qualquer tentativa de caracterização e previsão. Além do que a análise do comportamento humano é feito por um observador humano, falível e, como tal, tendente a distorcer os fatos. Tudo isso tem levado a concluir que a Sociologia teria uma base científica frágil e "se transformaria no estudo de situações infinitamente variáveis, únicas e não mensuráveis e não na investigação do comportamento repetido, simplificável e observável" (GOODE e HATT, 1960, p.5).

Para esses autores, o ideal seria desenvolver uma forma de conhecimento diferente do senso comum e para isso seria necessário operar com métodos que ajudam a controlar observações, a realizar abstrações e reduzir a variabilidade e a complexidade. Só assim, para eles, o caráter científico da Sociologia seria garantido.

O avanço em direção a um fortalecimento das bases científicas da Sociologia significou o desenvolvimento, sobretudo das chamadas técnicas quantitativas. Quando Goode e Hatt (1960) falam em "nível mais elevado de sofisticação metodológica" e maior "precisão técnica" na pesquisa sociológica, estão se referindo à superação do que consideram os "equivocos" e dificuldades anteriores ao surto quantitativo.

Um exemplo, para esses autores, do "sucesso" da Sociologia ou de sua nova posição foi o aumento do número de cursos nessa área - na escola secundária e nas universidades -, e o número de alunos

matriculados nesses cursos. Além disso, apontam o crescimento do número de programas sociais que utilizam as técnicas de pesquisa social e o aumento do número de empregos oferecidos a sociólogos. Isso tudo faz com que ampliem as exigências para quem deseja trabalhar como sociólogo, no sentido de um adestramento ou preparação, principalmente quanto à necessidade de compreensão dos métodos empregados.

Para Goode e Hatt, o desenvolvimento da Sociologia, a sofisticação metodológica e a habilidade técnica do sociólogo derivam diretamente do fato de que esses profissionais foram capazes de perceber "seu campo como tendo os mesmos fundamentos de qualquer outra ciência" (p.8). O que prevalece na concepção dos autores é a idéia de que o domínio das técnicas garante a "cientificidade" e que essas técnicas podem aplicar-se, em princípio, a todos os objetos. O manual tem o objetivo não só de ensinar as técnicas que "caracterizam a moderna pesquisa sociológica" (p.8), mas também, de desenvolver maneiras de pensar.

Dos manuais aos programas das disciplinas de métodos e técnicas de pesquisa, o que se observa é a implantação de um novo padrão de trabalho científico, que tem no *survey* o seu modelo de pesquisa empírica. Retomando o modelo das ciências naturais, os sociólogos comprometidos com essa perspectiva, defendem o paradigma de uma ciência asséptica, objetiva e, por isso, não comprometida com juízos de valor. A Sociologia enquanto ciência, aparece como resultado não da "livre reflexão, intuição e imaginação, mas sim da rigorosa aderência ao procedimento". Inicia-se a primazia do que Nisbet (2000) denomina de *mito do método*.

Sob a égide da neutralidade e da objetividade científicas, há o privilegiamento de um conjunto de técnicas empíricas como o único válido e aceitável, como forma de se opor ao que é visto como ensaísmo e ideologização do conhecimento sociológico. Segundo essa perspectiva, o

sociólogo passa a ser visto como *profissional* e não como "ideólogo". Mas um profissional que se realiza por meio da aprendizagem de um aparato moderno e sofisticado que lhe garante a realização de pesquisas científicas fundamentais para a construção de uma *carreira*.

O ensino de métodos e técnicas de investigação no Brasil

Nesta segunda parte do texto procurarei esclarecer como esse debate em torno das metodologias qualitativas e quantitativas de pesquisa teve reflexos na formação dos sociólogos brasileiros e, em especial, no ensino de métodos de investigação. Tomo como referência para a minha reflexão o ensino ministrado em dois cursos de ciências sociais criados praticamente na mesma época, o início dos anos de 1930, em São Paulo - o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, de 1934 e o da Escola Livre de Sociologia e Política, de 1933. Recorro também à minha experiência, primeiro como aluna e depois como professora de métodos e técnicas de pesquisa, no curso de Ciências Sociais durante toda a minha carreira acadêmica na USP. Fui estudante no curso de graduação em Ciências Sociais na primeira metade dos anos 60 do século passado, em um momento fortemente marcado pela preocupação com o fortalecimento da Sociologia como ciência, e com a elaboração de um conhecimento científico da sociedade brasileira. De certa maneira, prevalecia a concepção de Goode e Hatt de que as Ciências Sociais e a Sociologia em particular, estavam em fase de amadurecimento. Florestan Fernandes, no seu principal trabalho de reflexão teórica e metodológica, *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959), afirma que as ciências sociais “se encontram em plena formação” (p. XIV) . Ou seja, eram ainda limitados os avanços no que se referia à “clarificação teórica dos alvos

fundamentais da explicação sociológica” e ao “fortalecimento da pesquisa empírica” (p.XV).

Por outro lado, como destaca Octávio Ianni (1975), a produção sociológica que vinha sendo gestada especialmente a partir de 1945, revelava a preocupação com os problemas suscitados, pelo que denomina de “crise de transição” de uma sociedade agrária para uma sociedade na qual a indústria começava a se destacar (p.23). Ianni aponta em sua análise, a constituição de diferentes núcleos dinâmicos de ensino, pesquisa, produção e disseminação de conhecimento a respeito da sociedade brasileira, com a adoção de diferentes perspectivas teóricas e técnicas em torno de temas suscitados por essa crise. O pensamento sociológico ganhava proeminência e se afirmava como “modalidade nova e criadora de pensar os problemas sociais” (p.21) e, principalmente, como uma modalidade nova que vinha substituir as interpretações sobre a sociedade brasileira, consideradas insuficientes diante das novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais.

Esse era o contexto em que fiz o meu curso de graduação e entrei em contato com a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa ministrada, no segundo ano, pelo prof. Octávio Ianni, da Cadeira de Sociologia I, cuja ênfase era posta menos nas técnicas de pesquisa e mais nas questões relacionadas com a metodologia científica e seus fundamentos epistemológicos. A principal característica dessa disciplina era a preocupação de esclarecer os pressupostos teóricos e epistemológicos que fundamentavam a escolha das técnicas de obtenção de dados. Seguiu, portanto, a distinção estabelecida por Florestan Fernandes (1959) entre métodos lógicos e métodos técnicos. Ainda que a disciplina de estatística constasse do currículo, ela não se expressava no ensino de metodologia quantitativa de investigação. Predominavam, mesmo na disciplina de Prática de Pesquisa, ministrada no terceiro ano

pela Cadeira de Sociologia II, os métodos e as técnicas qualitativos de pesquisa⁷.

A principal ênfase do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da Universidade de São Paulo, era posta, entretanto, no ensino da teoria, segundo um modelo de inspiração francesa⁸. Apesar da preocupação com os problemas sociais brasileiros, tinha-se pouco ou nenhum treinamento na pesquisa empírica, o que contrastava fortemente com o outro curso de ciências sociais ministrado pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Criada em 1933, pelos esforços de uma elite intelectual e econômica, entre os quais Roberto Simonsen e Cyro Berlinck, voltava-se também, desde seu início, às questões relacionadas com a sociedade brasileira, mas com um acentuado interesse prático. Samuel Lowrie, norte-americano contratado como professor da ELSP, aponta a principal distinção entre a FFCL da USP e aquela escola:

A nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tem por fim formar uma elite de professores secundários e elevar o nível da cultura geral do nosso meio (...) Enquanto isso, a Escola Livre de Sociologia e Política tem a finalidade de formar funcionários técnicos, que, seguindo a carreira administrativa, tanto pública como particular, concorram para aumentar a

⁷ Essa disciplina, no ano em que a cursei, desenvolveu um projeto elaborado pelos seus responsáveis Douglas Teixeira Monteiro e Azis Simão que permitiu uma pequena experiência de trabalho de campo. Os alunos visitaram um bairro da periferia de São Paulo, previamente escolhido, e tiveram que realizar pelo menos uma entrevista semi-estruturada.

⁸ Florestan Fernandes (1978) refletindo sobre o curso de ciências sociais que fez no início dos anos de 1940, destaca sua forte influência francesa e afirma que então “não se cuidava de formar o investigador ou o técnico” (p.9), a ênfase era posta em cursos monográficos, com inexistência de “curso de técnicas e métodos aplicados à investigação e, muito menos cursos de técnicas e métodos aplicados à parte lógica e de construção da inferência (indução, dedução etc.). Esses cursos surgiram mais tarde, igualmente por influência nossa” (p.7).

competência das nossas administrações (cit. LIMONGI, 2001,p. 258-259).

Júlio Assis Simões (2009), nessa linha, destaca o vínculo entre os objetivos do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) e a ELSP, com ênfase na “racionalização do trabalho, reforma social e modernização da gestão pública” (p. 36).

Uma outra distinção reside no tipo de financiamento que sustentava as duas instituições: enquanto a FFCL dependia de recursos públicos, a ELSP era mantida, fortemente em seu início, pela iniciativa privada, especialmente de empresários como Roberto Simonsen e o conde Silvío Álvares Penteado⁹. A criação da FFCL, em certa medida, abalou os responsáveis pela ELSP, especialmente no que se referia a possíveis dotações do governo paulista para sanar as constantes dificuldades econômicas da escola (Simões, 2009, p.38). Além disso, pesava a convergência do campo científico que abrangia as ciências sociais.

O currículo do curso de bacharelado da ELSP era composto em seu início, por um núcleo de disciplinas muito semelhante ao do curso de ciências sociais na FFCL, pelo menos no período em que lá estudei: Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia, Psicologia Social, História e Estatística. Destacava-se, entretanto, por incluir outras disciplinas mais afinadas com os chamados objetivos práticos: Fisiologia do Trabalho, Psicotécnica, Administração federal, estadual e municipal, Serviços Sociais e Organização do Trabalho. A disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa aparecerá no currículo apenas em 1939, com a chegada de Donald Pierson na ELSP.

⁹ O *Relatório Anual* da ELSP do ano de 1942, assinado pelo diretor Cyro Berlinck, refere-se a doativo de Cr\$ 50.000,00 feito por Roberto Simonsen naquele ano, atingindo o total de Cr\$ 170.000,00 de doações feitas por “esse generoso amigo da Instituição” (KANTOR, MACIEL e SIMÕES, 2009: anexo)

A diferença fundamental, contudo, entre as duas instituições dizia respeito às influências teóricas e metodológicas do corpo docente recrutado. Enquanto na FFCL a busca por professores foi feita na Europa, principalmente na França, no caso das Ciências Sociais, os primeiros pesquisadores que vieram para a ELSP eram norte-americanos com doutorado pela Universidade de Chicago. Samuel H. Lowrie e Horace B. Davis procuraram corresponder, desde o início, aos objetivos voltados para “‘problemas práticos’ de planejamento e intervenção socioeconômica” (SIMÕES, 2009, p.37). Os dois desenvolveram pesquisas sobre o padrão de vida e nível de consumo dos trabalhadores em São Paulo: Lowrie sobre os funcionários da limpeza urbana do município de São Paulo e Davis, especialista em problemas trabalhistas após estágio no Bureau Internacional do Trabalho, sobre o padrão de vida de operários industriais (BERLINCK, 1961,p. 371). Segundo Antonio Candido, essas pesquisas representam “um sinal da virada temática que seria a característica da nossa geração, deslocando a sociologia do estudo preferencial das classes dominantes para o estudo das classes dominadas” (KANTOR, MACIEL e SIMÕES, 2009,p. 212). É importante destacar, ainda, a aproximação da ELSP, desde a sua criação, com o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, então sob a direção de Mario de Andrade, especialmente com a Divisão de Estatística e Documentação Social, onde essas pesquisas tiveram continuidade sob a coordenação de Oscar Egydio de Araujo, com o objetivo de desenvolver um índice de custo de vida da classe trabalhadora. O interessante é que esses estudos foram realizados por amostragem, segundo a metodologia quantitativa de pesquisa, contrastando assim, com as pesquisas qualitativas que seriam realizadas posteriormente. O professor de estatística da ELSP, Bruno Rudolfer, ocupará também um cargo na Divisão de Estatística e

Documentação Social, realizando pesquisas de interesse da administração pública.

A figura emblemática, todavia, que dará uma outra dimensão à ELSP, é Donald Pierson. Este pesquisador, igualmente doutor pela Universidade de Chicago onde foi discípulo de Robert Park, é apontado por vários autores como o principal responsável pela superação de certo dilentatismo existente na ELSP, com a definição de regras de trabalho científico mais acadêmico. Limongi assinala que a chegada de Pierson, em 1939,

[...] imprimirá novos rumos ao ‘projeto’, dotando-o de uma base acadêmica de que não dispunha. Isto é, a formação e o conhecimento produzidos na Escola passam a se inscrever no interior do mundo acadêmico e deixam de se referir ao Estado. A preocupação em formar elites técnicas cede lugar à insistência em treinar e formar sociólogos profissionais (2001, p.263).

Relatos de antigos alunos da ELSP (KANTOR, MACIEL e SIMÕES, 2009) revelam a intensa atividade de prática de pesquisa, com a ida de grupos de alunos, sob orientação de professores, a várias localidades do interior do estado de São Paulo. Esdras Borges Costa, aluno e posteriormente professor da Escola, relata que começou “a fazer pesquisa desde o primeiro ano” (p. 59). É dele também a informação de que “a Escola me permitiu uma iniciação à pesquisa de campo, mas também à pesquisa estatística. Estatística era uma disciplina obrigatória e praticada em pesquisa, inclusive em pesquisa de mercado, em que a Escola também foi pioneira” (p. 61).

Como aponta Limongi (2001), a vinda de Pierson trouxe para a ELSP a proposta da formação profissional do sociólogo, com um esquema de treinamento voltado para a pesquisa de campo, como condição para a afirmação da sociologia científica. Depoimento de Pierson, reproduzido por Limogi, expressa claramente essa concepção:

A atividade mais importante de todas, sem dúvida, ao meu parecer – aliás, a atividade *central* – foi o preparo de futuros pesquisadores nas Ciências Sociais através do fazerem pesquisas, eles mesmos, sob orientação de uma pessoa ou algumas pessoas mais adestradas nisso, desenvolvendo-se no processo, qualquer outra atividade necessária, em nossa opinião, para realizar isto, inclusive um seminário que organizei e ofereci durante vários anos, sobre ‘Métodos e Técnicas de Pesquisa Social’ (PIERSON, *apud* LIMOGI, 2001, p.268).

Mas, a importância de Pierson revela-se também na obtenção de financiamento para a ELSP. Por seu intermédio, foi realizado um convênio com o *Institute of Social Anthropology* da *Smithsonian Institution*, que a partir de meados da década de 1940 auxiliou na manutenção do curso de pós-graduação (BERLINCK, 1961,p.373).

Esse é o período inicial dos estudos de comunidade segundo o modelo desenvolvido no Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago. Essa modalidade de método de investigação marcou a formação de toda uma geração de pesquisadores brasileiros, especialmente após a criação na ELSP, em 1942, sob influência de Pierson, da Divisão de Estudos Pós-Graduados. Será nessa instituição que os formados em ciências sociais na FFCL, como Florestan Fernandes, por

exemplo, irão realizar as suas teses de mestrado e doutorado. O corpo docente desse programa de pós-graduação era composto, ainda, por Herbert Baldus e Emílio Willems¹⁰, ambos com formação na Universidade de Berlim, que eram responsáveis, na Escola, pelas disciplinas de Etnografia Brasileira e Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional, respectivamente. Baldus foi o orientador de Florestan Fernandes em suas pesquisas sobre os tupinambá¹¹, realizadas com o uso do método da reconstrução histórica, com base, portanto, em dados secundários. E Willems foi, assim como Pierson, o grande animador do método do estudo de comunidade, tendo ele mesmo realizado importante pesquisa em Cunha, publicada com o título *Uma vila brasileira*. É esse modelo de pesquisa empírica que marcou, a partir da ELSP, a formação de grande parte de pesquisadores brasileiros e definiu os rumos da sociologia como ciência empírica¹². Analisando a relação entre a ELSP e a FFCL, Fernando Limongi desenvolve o argumento da forte influência de Donald Pierson e da escola de Chicago na formação de Florestan Fernandes e, portanto, na constituição do que denomina de *escola paulista de sociologia*:

[...] o modelo de sociólogo profissional e de constituição de grupos de pesquisadores envolvidos em um trabalho comum, que teve inspiração no modelo trazido ao Brasil por Pierson, e

¹⁰ Willems foi professor também no curso de ciências sociais da FFCL da USP.

¹¹ A pesquisa que resultou na dissertação *A organização social dos Tupinambá* exigiu, segundo Florestan Fernandes (1976), a mobilização de “todos os conhecimentos que pudera acumular sobre técnicas empíricas e lógicas de pesquisa” (p. 174).

¹² A referência à Sociologia como ciência empírica é sustentada pela concepção de uma ciência marcada pela estreita relação entre teoria e pesquisa, entre teoria e empiria, como afirmava Florestan Fernandes (1978:11): “a teoria se constrói através da pesquisa”.

esta não foi a contribuição desprezível para a constituição da Sociologia paulista (2001, p 275)¹³.

O que venho procurando confrontar é justamente a pouca experiência de trabalho de campo dos alunos do curso de ciências sociais da FFCL em comparação com os alunos da ELSP. Isto não significa, contudo, que os professores daquela instituição não fizessem pesquisas e não acentuassem em suas aulas a concepção da Sociologia como uma ciência empírica, e a importância da pesquisa para a construção da teoria. Na década de 1940, período da comparação com a ELSP, os professores brasileiros estavam ainda adquirindo junto aos professores estrangeiros, experiência de pesquisa e de docência e realizando seus estudos pós-graduados. Florestan Fernandes (1976), rememorando os anos de sua formação acadêmica, refere-se ao conjunto de pequenos levantamentos que fez no período de 1942 e 1945, entre os quais “uma análise quantitativa da competição entre profissionais liberais em São Paulo, com base em identificações extraídas das listas telefônicas”, e “uma sondagem através de questionários, da população rural de Poá”, em colaboração com Oswaldo Elias Xidieh (p. 173), além de significativos trabalhos sobre folclore em São Paulo. A pesquisa sobre os tupinambá é vista por ele como o momento em que não só conquistou o título de mestre, mas, principalmente, em que “alcancei a estatura de um artesão que domina e ama o seu mister, por que sabe como deve praticá-lo e para o que ele serve” (p.175). E aponta o início dos anos 1950 como o período em que sua formação chegava ao fim, não só por estar terminando de escrever seu

¹³ Florestan Fernandes (1976) reconhece que a ELSP foi “o segundo patamar”(p.168) em sua formação, mas assinala que ela se revelou bastante limitada quanto às condições para garantir-lhe uma complementação de seu conhecimento. Ele contesta o mito de que na FFCL “não se recorria ao ‘treino empírico’” pois nela ele aprendera a “fazer pesquisa” e associar teoria e pesquisa “de maneira rigorosa” (p. 169), o que não acontecia na ELSP.

doutorado, *A função social da guerra na sociedade tupinambá* e iniciando a pesquisa sobre preconceito racial juntamente com Roger Bastide¹⁴, mas porque esboçava a obra que seria considerada a expressão de sua maturidade intelectual, *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. Ao assumir a Cadeira de Sociologia I, em substituição a Roger Bastide, tinha como objetivo lutar para demonstrar a capacidade

[...] de impor a *nossa marca* à sociologia. Ao antigo símbolo de *made in France* eu pretendi opor o *feito no Brasil*. Não estava em busca de uma estreita “sociologia brasileira”. Pretendia, isso sim, implantar e firmar padrões de trabalho que nos permitissem alcançar o *nosso* modo de pensar sociologicamente e a *nossa* contribuição à sociologia (p. 178).

Não pretendo fazer aqui uma análise detalhada das pesquisas realizadas pela segunda geração de sociólogos que ocupava cargos docentes na FFCL, mas um apanhado bastante rápido das teses por eles produzidas revela que o uso de dados secundários e de técnicas qualitativas é predominante. Recorro a Marialice M. Foracchi para

¹⁴ Trata-se de pesquisa financiada pela UNESCO e pela Reitoria da Universidade de São Paulo, publicada com o título *Branços e Negros em São Paulo* pelos dois autores. O projeto de estudo publicado como apêndice indica a enorme variedade de técnicas e métodos de investigação utilizados, tanto quantitativos quanto qualitativos, com especial destaque para a iniciativa pioneira de constituir uma Comissão para o Estudos de Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo, da qual participavam membros representantes de associações de negros, assim como vários informantes que discutiram e fizeram sugestões para a pesquisa. Vários alunos do curso de Ciências Sociais da USP participaram do trabalho de campo. Cito, em especial, dois trabalhos produzidos a partir dessa experiência: Moreira, Renato J. A história de vida na pesquisa sociológica e Queiroz, Maria Isaura P. Histórias de vida e depoimentos pessoais, ambos publicados na revista *Sociologia*, vol. XV, no. 1, março de 1953, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, páginas 25-30 e 8-23, respectivamente.

sustentar essa afirmação. Esta docente da FFCL, em sua tese de doutorado, planejou uma pesquisa que, inicialmente, tinha como objetivo prático definido pela administração da USP conhecer o estudante universitário para “resolver – a curto ou a médio prazo – as principais dificuldades de ordem pedagógica e material com que ele se defrontava para ajustar-se à vida universitária” (FORACCHI, 1965,p.8). Apesar de trabalhar com amostra de estudantes e recorrer ao formulário, além de entrevistas, no momento da análise não utilizou critérios estatísticos, mas realizou o que denominou de “sucessivas elaborações do dado” (*id*, 1965, p.10), procurando apreender a perspectiva do sujeitos investigados. Isso lhe permitiu, de acordo com suas palavras, ir além do objetivo prático inicial e desvendar a dimensão política da ação do estudante universitário.

A exceção mais evidente no grupo que compunha a Cadeira de Sociologia I é dada pelo trabalho de Leôncio Martins Rodrigues (1970) que realizou, em 1963, pesquisa quantitativa em uma indústria automobilística com a utilização de questionário e o recurso à estatística. Mas, seguindo a orientação predominante no grupo sob orientação de Florestan Fernandes, antes da aplicação do instrumento de coleta de dados, o pesquisador fez uma observação direta na fábrica como estagiário em várias seções, até mesmo como operário durante uma semana. As poucas entrevistas realizadas tiveram mais um caráter exploratório para guiar a elaboração do questionário.

O reconhecimento da importância dos métodos qualitativos e quantitativos para a formação dos cientistas sociais era, portanto, uma característica do curso ministrado na FFCL e isso se expressava nas pesquisas feitas por docentes e alunos em sua formação acadêmica¹⁵. Por

¹⁵ É importante destacar também o trabalho de Azis Simão (2012) apresentado no I Congresso de Sociologia, em 1954, *O voto operário*. Com base em dados oficiais, o autor elabora uma análise quantitativa do comportamento eleitoral do operário na cidade de São Paulo.

outro lado, todavia, era evidente o peso maior atribuído à metodologia qualitativa, pelo menos em termos das disciplinas ofertadas. Os alunos também tinham clareza disso, especialmente quando comparavam as maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho por parte dos alunos da ELSP. Enquanto aluna participei, no início dos anos 1960, de um movimento reivindicatório de aumento das aulas de estatística, pois entendíamos que isso garantiria um melhor preparo para exercer funções nas empresas de pesquisa de mercado e de opinião pública, como aqueles colegas.

Florestan Fernandes – assim como outros professores do curso – não se mostrou distante das preocupações com o ensino mais abrangente da metodologia de investigação, em particular quanto aos métodos quantitativos de pesquisa. Segundo Florestan Fernandes (1976, p.184), em 1961, Bertram Hutchinson, comissionado pela UNESCO, trabalhou no setor de pesquisas da Cadeira de Sociologia I. Esse sociólogo inglês estava no Brasil desde 1954, como técnico da UNESCO para colaborar com as pesquisas do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. A principal pesquisa desse grupo, que tinha por tema as relações de mobilidade social com a educação, foi publicada juntamente com outros estudos, em *Mobilidade e Trabalho* (1960). Hutchinson, como diretor da pesquisa, privilegiou a realização de um *survey*, com 2.500 entrevistas, analisadas segundo critérios estatísticos. Na realização do trabalho de campo, vários estudantes do curso de Ciências Sociais da USP foram recrutados, adquirindo assim a sua experiência em pesquisa.

Na mesma direção de incentivo à pesquisa orientada por técnicas quantitativas houve o convite de Florestan a Manoel Tosta Berlinck para ministrar a disciplina de Metodologia de Pesquisa em 1968, com bolsa da FAPESP. Sociólogo formado na ELSP, Berlinck estava fazendo o doutorado na Universidade de Cornell e voltara ao Brasil para conduzir

sua pesquisa sobre a estrutura da família brasileira na cidade de São Paulo. Segundo Berlinck (2009:88), “O professor Florestan Fernandes estava, naquela época, muito preocupado com a formação de sociólogos e queria que seus estudantes aprendessem a fazer pesquisa empírica com rigorosa metodologia científica”. Ou seja, com o recurso à metodologia quantitativa, especialidade de Berlinck.

Quando iniciei meu trabalho docente, no ano emblemático de 1968, a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa era compartilhada por professores das Cadeiras I e II de Sociologia, e mantinha a mesma orientação de Ianni, ou seja, pensar a estreita relação entre teoria e pesquisa empírica na perspectiva, portanto, de um ensino de metodologia científica e não propriamente de técnicas de pesquisa. As mudanças no currículo do curso a partir de 1970, como uma das decorrências da reforma universitária implementada pela USP, introduziram as disciplinas semestrais e, no que se refere à de Métodos e Técnicas de Pesquisa, houve a divisão entre um semestre dedicado à metodologia quantitativa (I) e o seguinte à qualitativa (II). Essa estrutura se mantém até hoje, com poucas variações.

A disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa I ficou a cargo de Aparecida Joly Gouveia e José Pastore, em um primeiro momento. A de Métodos II foi entregue a Oracy Nogueira¹⁶ e uma análise de seu programa do ano de 1976 mostra preocupação com noções de metodologia científica e o ensino de algumas técnicas de trabalho de campo ou de organização do trabalho de pesquisa. Uma característica dessa disciplina

¹⁶ Oracy Nogueira concluiu o bacharelado na ELSP em 1942 e foi professor dessa Escola de 1947 a 1952. Em 1970 iniciou o seu trabalho como professor no curso de Ciências Sociais da USP, essencialmente dedicado ao ensino de métodos e técnicas de pesquisa, além da disciplina de Sociologia das Profissões. Cavalcanti (2009) aponta a estreita ligação entre O. Nogueira e D. Pierson, e ressalta a importante contribuição do primeiro aos estudos de comunidade e das relações raciais e o preconceito de cor.

era a realização, por parte dos alunos, de um projeto de pesquisa. Segundo a *ementa* da disciplina, os alunos deveriam dedicar-se

[...] à formulação do problema de pesquisa e ao planejamento e coordenação das atividades de campo, em nível exploratório, porém com intensidade suficiente para desenvolver a experiência dos alunos em relação aos vários estágios de um projeto de pesquisa e às principais técnicas de trabalho de campo”.

Trata-se, portanto, de uma inovação nas disciplinas de métodos e técnicas de pesquisa da USP, promovida por sociólogo com formação na ELSP. Como docente de Métodos e Técnicas de Pesquisa II, segui em parte essa orientação, exigindo, durante vários anos, a elaboração de um projeto de pesquisa como trabalho final da disciplina. Mas, a experiência de pesquisa de campo tem sido pouco realizada, dependendo da iniciativa de poucos professores ou ficando mais concentrada nos projetos de iniciação científica, geralmente consistindo na coleta de dados para as pesquisas dos orientadores.

O ano de 1970 trouxe modificações também na ELSP. Em meados de 1960, o currículo do curso de Ciências Sociais dessa instituição era muito semelhante ao curso ministrado na USP, apresentando apenas maior ênfase no ensino da Psicologia, com várias disciplinas¹⁷. O programa da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social manteve-se praticamente inalterado até 1968. Era uma disciplina anual, ministrada pelo prof. Alfonso Trujillo Ferrari, que juntava métodos e técnicas quantitativos e qualitativos, com uma unidade dedicada à

¹⁷ As informações deste item foram obtidas no CEDOC - Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Aos seus funcionários agradeço pelo apoio.

discussão da amostragem na pesquisa social e outra, denominada *O método estatístico na pesquisa social*, em que os alunos aprendiam elementos mais característicos do Curso de Estatística, como medidas de dispersão, teste de hipóteses, multivariação e correlações e regressão na pesquisa social. Em 1969, as mudanças introduzidas tanto no currículo quanto na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, tornam o projeto do curso mais semelhante ao da USP. São criadas as disciplinas de Métodos I e II, sendo o programa da primeira nitidamente mais influenciado pela metodologia científica do que pela discussão de métodos e técnicas de pesquisa, aproximando-se do que fora ensinado por muitos anos na USP. O de Métodos II retomava a maior parte do programa desenvolvido por Trujillo Ferrari, com a supressão das partes mais próximas da estatística. O que me parece fundamental como destaque, é que a partir de 1969 nota-se uma presença maior de cientistas sociais formados pela USP, inclusive o responsável pela disciplina de Métodos I, no corpo docente da ELSP.

A reivindicação que mobilizava os alunos de ciências sociais da USP em minha época de estudante, quando se estabelecia comparação com a formação de colegas de ELSP, parece encontrar eco nas reclamações dos alunos de ciências sociais, em 2012. Pesquisa realizada pelos professores do Departamento de Sociologia da USP, Sylvia G. Garcia, Paula Marcelino e Gustavo Venturi e o aluno Danilo Torini, com concluintes do Curso de Ciências Sociais¹⁸, revela que 44,6% deles consideram que o curso atendeu em grande parte às suas expectativas, e 35,4% afirmam que atendeu razoavelmente. Entre os motivos da insatisfação assinalam que o “curso não prepara para inserção profissional para além da academia” e que oferece “formação excessivamente teórica.

¹⁸ Estavam aptos a responder o questionário de 44 perguntas, aplicado on line, 200 alunos concluintes no 2º semestre de 2012 e 1º semestre de 2013, mas apenas 65 alunos responderam.

Ausência de mais disciplinas de caráter mais metodológico e empírico” e “ausência de maior interlocução entre o curso e a sociedade, ausência de contato com a realidade atual”. Cinquenta e dois anos se passaram desde o meu ingresso no Curso de Ciências Sociais e a questão da formação profissional e a reivindicação de mais disciplinas que preparem o aluno para a pesquisa empírica ainda parecem inquietar os alunos do curso da USP. As sugestões que apresentam na resposta a uma das questões reforçam o diagnóstico: “maior oferta de disciplinas aplicadas e metodológicas”, “mais trabalho de campo”, mais oferta de “disciplinas voltadas para a construção de um projeto de pesquisa”, “maior discussão no curso sobre as possibilidades de inserção profissional não acadêmica” e “trabalho de conclusão de curso”.

Conclusão

O caminho percorrido neste texto teve como objetivo esclarecer alguns elementos do ensino de métodos e técnicas de pesquisa, situando-o nos marcos da constituição e do fortalecimento das Ciências Sociais, em especial a Sociologia, no Brasil. Mas, na reconstrução do debate em torno das metodologias qualitativas e quantitativas, principais referências para a pesquisa social, procurei na sociologia norte-americana, os parâmetros que definiram os diferentes modos de realizar pesquisas e de afirmação da Sociologia como uma ciência empírica. Ao reportar-me à história que tem P. Lazarsfeld como o impulsionador de um processo de mudança que dará nova orientação à pesquisa, reformulando-a em suas bases epistemológicas e teóricas, procurei acentuar momentos significativos da própria história da Sociologia que tiveram reflexos no Brasil.

A criação dos cursos de ciências sociais no país em início dos anos de 1930, e o ensino dos métodos e técnicas de pesquisa, apesar da maior

presença de professores europeus na USP, receberam marcantes influências norte-americanas por intermédio dos docentes recrutados pela ELSP. Evidentemente, assim como a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política foram atingidas nesse processo e o debate metodológico também esteve e está presente nesses campos científicos. Aliás, é importante mencionar que os estudos a respeito da chamada Escola de Chicago demonstram que no mesmo período, os limites entre Sociologia e Antropologia, assim como no início da constituição das Ciências Sociais no Brasil, não eram tão demarcados como se pretende hoje.

A análise desenvolvida neste texto, tomando a Sociologia como única referência, a respeito do debate em torno das metodologias quantitativas e qualitativas de pesquisa, permitiu-me evidenciar também o processo de afirmação da Sociologia como uma profissão e do sociólogo como um profissional. A afirmação de um tipo de pesquisa que tinha no *survey* e nas equipes interdisciplinares o seu modelo de excelência expressa a passagem da sociologia exercida como um *ofício*, para a Sociologia como uma *profissão*. E no seu exercício, o ensino de métodos e técnicas de pesquisa aparece como condição fundamental.

Na constituição e afirmação da Sociologia científica, além da evidente relação entre teoria e pesquisa, fundamento de qualquer processo de conhecimento sociológico, existe uma permanente tensão entre a teoria e a prática. Não se trata apenas de *como conhecer*, mas também, de *por que* e *para que ou para quem* conhecer. Na ELSP o curso foi proposto com um teor prático voltado para a formação de um profissional com perfil mais técnico, preocupado com as questões da administração pública que, entretanto, foi perdendo ao longo do tempo, quanto mais se aproximava do modelo do curso de Ciências Sociais da USP. Nesta instituição, contudo, a questão da prática resolvia-se, principalmente, na

formação de professores para as instituições de ensino de nível básico, como aponta Florestan Fernandes (1978):

Eu tive a vantagem de perceber, rapidamente, a necessidade de diferenciar os papéis intelectuais. Não fiquei preso àquela ideia de quem vai para a faculdade de filosofia deve ter uma formação apenas teórica e geral. E separei os papéis, pensando que a Faculdade de Filosofia deveria formar, simultaneamente o professor, que era a solicitação maior, o investigador e o técnico. A batalha em torno do técnico é uma batalha que eu perdi (p. 22).

Os elementos da análise a respeito dos cursos de Ciências Sociais na FFLC da USP e da ELSP evidenciam a importância da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa na formação dos cientistas sociais, em especial, do sociólogo. As diferentes orientações teóricas que privilegiam nos currículos dessas duas escolas um ou outro tipo de metodologia, expressam, na realidade, os diferentes contextos históricos da constituição e da institucionalização das disciplinas científicas que compõem as Ciências Sociais. As influências recíprocas entre a FFCL e a ELSP demonstram, como acentua Florestan Fernandes (1978), a “fusão da herança empírica, teórica e metodológica de europeus e norte-americanos” (p.28) na Sociologia brasileira, assim como nas Ciências Sociais.

Referências

BERLINCK, Cyro. 1961. *Sociologia*, v. XXIII, n. 4, dez., p.371-374.

BERLINCK, Manoel T. 2009. Elogio da universidade. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953*, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p. 79-97.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. 1959. *Branços e negros em São Paulo – ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo, Editora Nacional.

CANDIDO, Antonio. 2009. Homenagem a Florestan Fernandes. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (Org.) *A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953*, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p. 209-214.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2009. A contemporaneidade da tradição intelectual da Escola Livre de Sociologia e Política: a obra de Oracy Nogueira. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (orgs.). *A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953*, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p.101-114.

CEDOC – Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Proposta curricular e Programa da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa: 1960-1961, 1965-1966, 1967-1968 e 1969-1970.

COSTA, Esdras Borges. 2009. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (orgs.). *A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953*, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p.59-63.

DAHRENDORF, Ralf. 1966. *Sociedad y Sociologia* - la ilustración ilustrada. Madrid, Editorial Tecnos.

EUFRÁSIO, Mário. 2009. A Escola de Sociologia e Política de São Paulo e a Escola Paulista de Sociologia: um curto comentário e um breve depoimento. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (orgs.) *A Escola Livre de Sociologia e Política* – anos de formação 1933-1953, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p.115-126.

FERNANDES, Florestan. 1959. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

_____. 1977. Em busca de uma Sociologia crítica e militante. In: *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, p.140-212.

_____. 1977. O padrão do trabalho científico dos sociólogos brasileiros. In: *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, p.50-76.

_____. 1978. *A condição do sociólogo*. São Paulo, Hucitec.

FORACCHI, Marialice M. 1965. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FREYER, Hans. 1944. *La sociologia, ciencia de la realidad*. Buenos Aires, Editora Losada.

GARCIA, Sylvia G; MARCELINO, Paula; VENTURI, Gustavo; TORINI, Danilo. 2013. *Pesquisa com concluintes de ciências sociais: USP. Versão preliminar on line*.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. 1960. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo, Editora Nacional.

HUTCHINSON, Bertram. 1960. *Mobilidade e Trabalho* – um estudo na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/ Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – Ministério da Educação e Cultura.

IANNI, Octávio. 1975. *Sociologia e sociedade no Brasil*. São Paulo, Alfa-Omega.

KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (orgs.). *A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953*, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política.

LIMONGI, Fernando. 2001. A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1 São Paulo, Editora Sumaré.

MILLS, C. Wright. 1982. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.

NISBET, Robert. 2000. A sociologia como forma de arte. *Plural* . Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia. São Paulo, USP, n. 7, 1º sem. , p.111-130.

POLLAK, Michael. 1986. Paul F. Lazarsfeld, fundador de una multinacional científica. ALVAREZ-URIA, F.; VARELA, J.(orgs.) *Materiales de sociologia crítica*. Madrid, Ediciones de La Piqueta, p.37-82.

RODRIGUES, Leôncio Martins. 1970. *Industrialização e atitudes operárias* – estudo de um grupo de trabalhadores. São Paulo, Editora Brasiliense.

SIMÃO, Azis. 2012. O voto operário. In: SIMÃO, Azis *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. 3ª. ed., São Paulo, Hucitec, p. 261- 274.

SIMÕES, Julio Assis. 2009. Um ponto de vista sobre a trajetória da Escola de Sociologia e Política. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio A. (orgs.). *A Escola Livre de Sociologia e Política* – anos de formação 1933-1953, 2ª ed. São Paulo, Sociologia e Política, p.35-42.

Recebido em 05/2013

Aprovado em 07/2013

